

Orações exclamativas em português brasileiro: para uma descrição sistêmico-funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3615>

Theodoro C. Farhat¹
Paulo Roberto Gonçalves-Segundo²

Resumo

Fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), este artigo propõe uma reconfiguração do sistema de MODO do português brasileiro (PB), partindo da descrição de Figueredo (2011, 2021), com o objetivo de adequá-lo à descrição de orações exclamativas. Para isso, em primeiro lugar, retomam-se descrições prévias de estruturas exclamativas em PB e apresenta-se uma revisão de descrições sistêmico-funcionais de estruturas semelhantes em outras línguas. Em seguida, realiza-se uma descrição trinocular das propriedades de tais orações em PB. Como resultado, propõe-se que, na léxico-gramática do PB, o modo exclamativo é um tipo de declarativo realizado pela presença de um Exclamador em posição temática; isso leva a uma reconfiguração geral do sistema de MODO a partir da opção [indicativo].

Palavras-chave: orações exclamativas; modo; Linguística Sistêmico-Funcional; modo declarativo.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; theo.cfar@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9646-6301>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; paulosegundo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

Exclamative clauses in Brazilian Portuguese: towards a systemic functional description

Abstract

Based on Systemic Functional Linguistics (SFL), this article proposes a reconfiguration of the MOOD system in Brazilian Portuguese (BP), following the description by Figueredo (2011, 2021), with the aim of adapting it to the description of exclamative clauses. To achieve this, prior descriptions of exclamative structures in BP are revisited, and a review of systemic functional descriptions of similar structures in other languages is presented. Then, a trinocular description of the properties of such clauses in BP is conducted. As a result, it is proposed that, in BP lexicogrammar, the exclamative mood is a type of declarative realized by the presence of an Exclaimer in thematic position; this leads to a general reconfiguration of the BP MOOD system starting from the [indicative] option.

Keywords: exclamative clauses; mood; Systemic Functional Linguistics; declarative mood.

Introdução: objetos, problemas e antecedentes

Neste artigo, procuraremos descrever estruturas como as seguintes (em itálico):

1. *Que coisa estranha esse sumiço do Bolsonaro*
2. *nossa que lindo o discurso do cara*
3. Primeira vez que assisto o Caldeirão com o Mion e cara *como ele é legal né*
4. Oxi, do nada *que rápido ele é*
5. Meeee *quanta gente veio hoje* haha!

Em todos esses exemplos, há um elemento *qu-* (“que”, “como” ou “quanto”) inicial; a partir dele, porém, há uma variedade de opções: em (1), dois grupos nominais; em (2), um grupo adjetival seguido de um grupo nominal; em (3) e (5), uma oração na ordem “direta” (Sujeito-Verbo-Complemento); em (4), uma oração com o Complemento (*rápido*) precedendo o Sujeito.

Já nesse ponto, porém, podemos sugerir uma generalização funcional sobre o que está em jogo nessas estruturas: há um elemento *qu-* seguido de um elemento exclamado – que pode ser, em linhas gerais, uma avaliação, o alvo de uma avaliação ou uma combinação

de ambos. Essa generalização é a motivação principal para este artigo: existe um padrão léxico-gramatical funcionalmente motivado que até o momento não foi abordado pelas descrições sistêmico-funcionais do português brasileiro (PB). São objetivos deste artigo, então, oferecer o referido tratamento a essas produtivas estruturas léxico-gramaticais do PB e, a partir disso, proceder a uma reconfiguração do sistema de MODO nessa língua, realizada a partir de uma adaptação à proposta vigente de Figueredo (2011, 2021).

Antecedentes

Devemos reconhecer que estruturas “exclamativas” não são um objeto novo na investigação linguística brasileira. Cabe aqui, portanto, retomar alguns exemplos, ainda que não possamos, evidentemente, por questões de espaço, prover uma revisão exaustiva. Em Bechara (2019 [1961], p. 616), encontramos a seguinte menção a “orações exclamativas”. Vale observar que, de seus dois exemplos, apenas o primeiro segue o padrão identificado anteriormente, com elemento *qu-* inicial – estruturas como a apresentada no segundo exemplo não são objeto de investigação deste artigo.

Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

1. Como era verde *o meu vale!*
2. Viva *o rei!*

Cunha e Cintra (2016 [1985]), por sua vez, tratam de “orações exclamativas” (p. 181) e “orações iniciadas por palavras exclamativas” (p. 329) ao discutirem tópicos como inversão predicativo-verbo e próclise pronominal. Os exemplos dados pelos autores são “Que lindos eram os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!” (p. 181) e “Como se vinha trabalhando mal!” (p. 329), que se conformam ao padrão funcional que focalizamos neste artigo. A estrutura não é, porém, discutida enquanto tal.

De fato, Cunha e Cintra parecem entender a exclamação como um fenômeno fundamentalmente entoacional – embora heterogêneo mesmo nesse parâmetro (ver p. 187-188) –, concluindo que as estruturas iniciadas por *qu-* “não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração” (p. 37). Os exemplos dados em favor dessa caracterização incluem estruturas que seguem o padrão que identificamos, como “Que inocência! Que aurora! Que alegria!”, mas também casos que nos parecem orações interrogativas realizando incongruamente declarações (“quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...”), além de usos de estruturas quase totalmente lexicalizadas, como “quem me dera” (“Quem me dera ser homem!”).

Em síntese, nos clássicos de Bechara (2019 [1961]) e Cunha e Cintra (2016 [1985]), existe a percepção de que há algo “particular” às estruturas exclamativas que identificamos na seção anterior. Entretanto, os autores não oferecem uma caracterização específica para elas, preferindo aglutiná-las com outros elementos, seja por critérios fonológicos (“exclamação” como entoação), seja por elementos gramaticais (“emprego exclamativo dos interrogativos”).

Em contrapartida, alguns estudos formalistas exibem uma visão mais próxima da nossa: reconhece-se que a estrutura *qu-^elemento exclamado* tem características próprias em termos fonológicos – ver, por exemplo, Zendron da Cunha (2015) – e sintático-semânticos – ver Sibaldo (2016). Entretanto, tais abordagens, por sua orientação teórico-metodológica formal, seguem direções muito distintas da descrição que buscamos aqui – que, ancorada nos princípios sistêmico-funcionais, procura uma visão holística (isto é, “trinocular” – ver em seguida) sobre a estrutura em investigação: embora tratemos de um objeto fundamentalmente léxico-gramatical, daremos prioridade à sua dimensão semântica e, em última instância, contextual (Halliday, 1978), deixando o aprofundamento da discussão fonético-fonológica e a descrição fina das potencialidades e restrições do uso de cada tipo de elemento *qu-* para estudos posteriores.

Estruturas exclamativas em outras línguas: abordagens sistêmico-funcionais

Antes de passarmos propriamente a como as estruturas em questão podem ser enquadradas na descrição sistêmico-funcional do PB, cabe observar de que modo estruturas semelhantes foram tratadas em descrições sistêmico-funcionais de outras línguas.

Para o inglês, Halliday e Matthiessen (2014) propõem que orações exclamativas sejam descritas no sistema interpessoal de MODO, constituindo um subtipo de declarativas que se opõe às afirmativas (ou “não exclamativas” – ver Thompson (2014)). Estruturalmente, são caracterizadas por um elemento *wh-* temático (*what* ou *how*) e pela ordem Sujeito^Finito, o que justifica “de baixo” (isto é, a partir dos grupos constituintes dessas orações) sua classificação como declarativas³, uma vez que é a ordem Sujeito^Finito que distingue as declarativas (*You are sad*) das interrogativas, que apresentam ordem Finito^Sujeito (*Are you sad?*).

Passando a línguas filogeneticamente mais próximas do português, temos as descrições do francês e do espanhol. Na sua descrição do francês, Caffarel (2006) propõe que, após

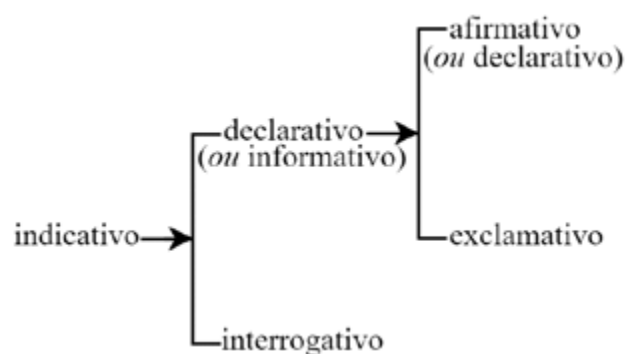
3 Halliday e Matthiessen (2014, p. 164) reconhecem, além disso, que outros modos, como o interrogativo negado, também podem ser usados para realizar exclamações (p. ex. *Isn't it amazing!*) – porém, “essas orações não têm uma gramática distintivamente exclamativa” (tradução própria).

a divisão fundamental entre indicativo e imperativo, o indicativo se divide em informativo e interrogativo; e o informativo, em declarativo ou exclamativo, opção especificável em subtipos mais delicados – a exclamação pode ser realizada somente pela entoação ou por diferentes estruturas gramaticais, incluindo os elementos *que* e *comme*. Dessa forma, mantém-se a ideia de que o modo exclamativo é uma opção do indicativo próxima do declarativo, mas com características gramaticais distintivas.

Em sua descrição do espanhol chileno, Quiroz (2013) faz uma proposta terminologicamente semelhante à de Caffarel: o indicativo pode ser informativo ou interrogativo; o informativo pode ser declarativo, realizado por um movimento tônico descendente, ou exclamativo, realizado pela presença de um elemento *qu-* de valor exclamativo (“Q-ex”) em posição temática. A descrição de Lavid, Arús e Zamorano-Mansilla (2010), voltada ao espanhol ibérico, faz considerações muito semelhantes, mas com rótulos mais próximos dos de Halliday e Matthiessen (2014): [declarativo: afirmativo/exclamativo].

Em síntese, descrições sistêmico-funcionais do inglês, do francês e do espanhol apresentam, em seus respectivos sistemas de MODO, opções que são, em grande medida (e por vezes com alterações nos rótulos utilizados), versões do sistema apresentado na Figura 1, cuja condição de entrada é [indicativo]. Assim, embora cada língua tenha realizações (intra- ou interestratais) específicas para as suas opções, a organização sistêmica em si é, de fato, bastante semelhante – ver Matthiessen (2004)⁴.

Figura 1. Opções a partir de [indicativo] em descrições do inglês, do francês e do espanhol (rótulos alternativos entre parênteses)⁵



Fonte: Elaboração própria

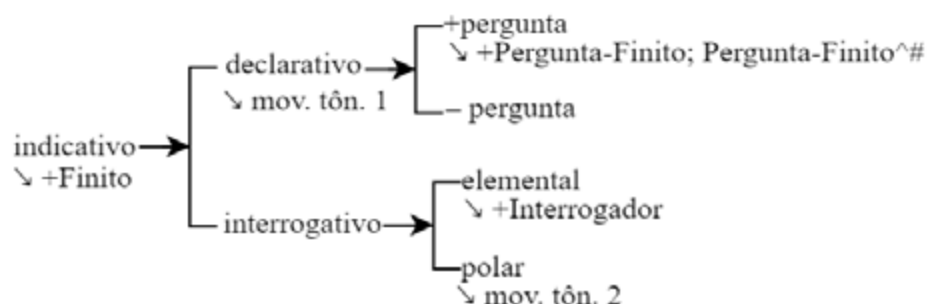
4 Organizações sistêmicas análogas também são encontradas em tagalo (Martin, 2004) e birmanês (Win; Geng, 2022); entretanto, enquanto modo oracional específico, o exclamativo parece estar ausente de certas línguas, como as nigero-congolesas (Mwinlaaru; Matthiessen; Akerejola, 2018).

5 Pelo nosso foco no modo exclamativo, omitimos as opções a partir de [interrogativo].

A abordagem de Figueredo para o modo em PB

Vejamos, portanto, como a descrição sistêmico-funcional do próprio PB lida com as opções a partir de [indicativo]. Nos trabalhos de Figueredo (2011, 2021), a rede sistêmica é a seguinte:

Figura 2. Opções a partir de [indicativo] na descrição do PB



Fonte: Adaptado de Figueredo (2021, p. 210)

O traço realizacional do [indicativo] é a presença do Finito, elemento verbal que ancora a oração em termos de modalidade e tempo (p. ex. “poderá fazer”)⁶ e distingue-o, portanto, do [imperativo], que prescinde de tal ancoragem, associando-se ao *irrealis*. Orações indicativas podem ter modo [declarativo], realizado fonologicamente pelo movimento tônico 1 (descendente), ou [interrogativo] – nesse caso, se [elemental], a oração (congruentemente) demanda uma informação experiencial, o que exige a ocorrência de um Interrogador, isto é, um elemento *qu-* que especifica a “lacuna” de informação a ser preenchida; se [polar], a informação demandada é a ancoragem modal da proposição: se é “sim”, “não” ou algo intermediário (“talvez”, etc.).⁷

O que mais nos interessa, entretanto, são as opções a partir de [declarativo]: Figueredo (2011, 2021) propõe que, nesse ponto, há acesso à distinção entre orações com e sem Pergunta-Finito – uma *tag* que retoma o Finito ao final da oração com a polaridade oposta, servindo de estratégia de negociação do *status* epistêmico do objeto em discussão. Em “Ele já chegou, não chegou?”, por exemplo, a Pergunta-Finito “não chegou” retoma o Predicador/Finito “chegou” e, ao inverter a sua polaridade, realiza uma estratégia heteroglósica de expansão dialógica (Martin; White, 2005), isto é, dá espaço para perspectivas que destoam das expectativas do enunciador, sinalizando que são potencialmente válidas.

⁶ Em orações como “*Haverá* pessoas aqui”, o Finito é realizado pela desinência modo-temporal do Predicador, formando com ele um grupo verbal realizado por uma só palavra.

⁷ Para uma discussão sistêmico-funcional sobre perguntas em PB, ver Farhat e Gonçalves-Segundo (2021).

Essa descrição não segue, entretanto, o padrão de considerar orações exclamativas como um tipo de declarativa: de fato, embora Figueredo (2011, 2021) alcance um alto grau de detalhamento em suas descrições, o autor não chega a mencionar essas estruturas em seus trabalhos. Nas próximas seções, esboçamos como pode se dar essa integração, de forma que a descrição do sistema de MODO do PB dê conta das orações exclamativas.

Empregando a perspectiva trinocular

Antes de tentarmos “inserir” as orações exclamativas no sistema, devemos descrevê-las a partir da perspectiva trinocular (Halliday, 2009): o objeto deve ser visto “de cima”, “de baixo” e “ao redor”. No caso de uma opção no sistema de MODO, que se localiza no estrato da léxico-gramática e tem como condição de entrada uma oração maior (isto é, que apresenta Predicador), as considerações trinoculares necessárias são as seguintes:

- “De cima”: qual a relação do objeto em descrição (no nosso caso, as orações exclamativas) com opções no estrato superior, a semântica? Isso envolve, geralmente, algum alinhamento realizacional: por exemplo, o modo [interrogativo] realiza “diretamente” perguntas (demandas de informação).
- “De baixo”: nessa perspectiva, consideramos como o próprio objeto descrito é realizado. Assim, há duas considerações possíveis – uma *intraestratal* e outra *interestratal*:
- Intraestratal: com um objeto no nível da oração, consideram-se possíveis realizações nos níveis inferiores da léxico-gramática – grupos/sintagmas, palavras e morfemas.
- Interestratal: como o estrato imediatamente “inferior” à léxico-gramática é a fonologia, é possível que opções gramaticais sejam realizadas por seleções fonológicas (por exemplo, [interrogativo: polar] ↘ [movimento tônico ascendente]; “↘” significa “é realizado por”).
- “Ao redor”: por esse olhar, enfocamos as relações entre a escolha da categoria em descrição e as escolhas em outros sistemas do mesmo estrato. Isso pode se dar “dentro” de uma mesma metafunção (por exemplo, exclamativas em inglês não têm acesso à polaridade negativa) ou entre metafunções (por exemplo, o Interrogador costuma aparecer em posição temática)⁸.

⁸ Por definição, escolhas “internas” a uma mesma metafunção costumam ter correlações probabilísticas mais fortes (por vezes absolutas, como entre polaridade positiva e modo exclamativo em inglês), mas não é impossível encontrar correlações entre escolhas de metafunções diferentes (ver Matthiessen, 2004).

A perspectiva trinocular permite uma caracterização holística do objeto em descrição, explicitando suas associações “positivas”, relativas ao princípio de realização (seja como “realizador” de uma opção acima, seja como “realizado” de uma opção abaixo); “negativas”, concernentes às oposições que definem seu valor no paradigma em que o objeto se insere; e probabilísticas, ligadas ao princípio de que a escolha em um sistema é sensível às escolhas em outros sistemas. Pode-se alegar que tal perspectiva seja “desfocada”, procurando detalhar simultaneamente fenômenos demasiadamente variados; acreditamos, porém, que abordagens como esta são necessárias quando temos como alvo uma descrição que procure fazer justiça à “extravagância” inerente à própria língua (cf. Halliday, 2003). Pesquisas posteriores poderão, certamente, tomar como ponto de partida os elementos cuja descrição aqui seja somente incipiente.

“De cima”: semântica

Orações exclamativas têm relevância para os três grandes sistemas da semântica interpessoal – FUNÇÕES DA FALA, NEGOCIAÇÃO e AVALIATIVIDADE.

O sistema de FUNÇÕES DA FALA opera com duas variáveis: o PAPEL de [fornecer] ou [demandar] e o VALOR negociado – [informação] ou [bens-e-serviços] (Halliday; Matthiessen, 2014). Combinadas, as variáveis geram quatro tipos de movimento: declarações (fornecimentos de informação), perguntas (demandas de informação), ofertas (fornecimentos de bens-e-serviços) e ordens (demandas de bens-e-serviços). Parece-nos relativamente claro que, entre essas categorias, a que mais se alinha às estruturas exclamativas é a declaração: uma oração exclamativa tipicamente fornece uma informação, mas de forma diferente das declarativas “comuns”. Isso se associa a uma terceira variável do sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS: um movimento pode ser [iniciador], dando início a uma sequência de movimentos, ou [respondente], fornecendo uma resposta/reação a um movimento anterior. Em linhas gerais, parece-nos plausível que estruturas exclamativas tendam mais à posição de [respondente] do que declarativas “comuns”.

Essa dinâmica pode ser explicitada em termos de NEGOCIAÇÃO, sistema que descreve as possibilidades de trocas de informações e bens-e-serviços, especificando sequências de movimentos (Martin, 1992)⁹. Orações exclamativas podem, como é normal para declarações, ocupar a posição K1, em que um conhecedor primário exprime uma informação a que (presumidamente) seu destinatário, um conhecedor secundário, não teve acesso. Aqui, o movimento seria [iniciador]. Os enunciados apresentados no início deste artigo são exemplos desse uso. Entretanto, orações exclamativas parecem costumeiramente ocupar uma posição menos evidente: K2f, em que o conhecedor

⁹ Para uma introdução ao sistema, ver Martin e Rose (2007, cap. 7); para sua aplicação ao PB, ver Figueredo (2021).

secundário, após receber uma informação, reage, o que configura um movimento [respondente], conforme podemos observar a seguir (em itálico):

6. [iniciador; K1:] Meu filhoouoooo nasceuuuuuuuuu

[respondente; K2f:] Parabéns *que felicidade saber disso*, muita saúde e momentos incríveis!!

Essa hipótese ainda deve, porém, ser corroborada por mais dados empíricos. Entretanto, permanece possível propor que estruturas exclamativas são, mesmo quando não exatamente [respondentes], “reativas” a algum fenômeno previamente explicitado – em consonância com essa possível propriedade, vale também destacar que os grupos nominais em estruturas exclamativas parecem ser sempre identificáveis, operando em geral anaforicamente: ao dizermos “que filme!”, por exemplo, presume-se que o falante saiba de que filme estamos tratando – que pode ter sido introduzido, por exemplo, em K1. No mesmo sentido, estruturas exclamativas com grupo nominal indefinido (“que um filme!” ou “como um menino corre!”, por exemplo) parecem-nos extremamente improváveis e possivelmente agramaticais.

O traço mais crucial e definidor das orações exclamativas está, no entanto, em seu alinhamento com o sistema de AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005). Esse alinhamento se dá, em primeiro lugar, com o subsistema de ATITUDE: estruturas exclamativas sinalizam explicitamente que há uma avaliação em jogo, mesmo quando somente o alvo da avaliação é construído verbalmente, com em “Como ele corre!” ou “Que filme!”, em que se sinaliza que a forma de correr do sujeito é (no mínimo) notável (um possível [juízo: capacidade]) e o filme é apreciável (especialmente em termos de [reação: impacto] no sistema de ATITUDE).

Igualmente importante, porém, é o alinhamento com o subsistema avaliativo de ENGAJAMENTO, que diz respeito às possibilidades de (não) reconhecimento de alternativas dialógicas àquilo que é enunciado. Mais especificamente, estruturas exclamativas seriam uma possibilidade de realização de [contraexpectativa], opção de heteroglossia contrativa que opera da seguinte maneira: ao apresentar algo como inesperado, uma expectativa prévia é reconhecida, mas ao mesmo tempo rejeitada. Assim, quando se enuncia “Como ele corre!”, implica-se que não se esperava que o corredor correria tão rapidamente, mas essa expectativa é “bloqueada” (isto é, invalidada) pela exclamação. Nesse sentido, as exclamações ocupam um domínio semântico próximo ao da miratividade, que codifica uma dada proposição como “nova e surpreendente ou inesperada para o falante” (Nuyts, 2017, p. 74).

“De baixo”: fonologia

Como vimos acima, autores de gramáticas tradicionais costumam tratar a exclamação como um fenômeno primariamente fonológico – e, mais especificamente, entoacional. Entretanto, quando consideramos orações exclamativas iniciadas por um elemento *qu-*, é difícil encontrar um só padrão fonológico.

Isso parece se dever a dois fatores principais: em primeiro lugar, a escolha do elemento *qu-* pode ser relevante para a entoação – por exemplo, Zendron da Cunha e Seara (2014) chegaram à conclusão, após um estudo quantitativo, de que exclamativas com “que” têm um padrão entoacional distinto das iniciadas por “como”; em segundo, mesmo se considerarmos um único elemento *qu-*, opções entoacionais podem sugerir diferenças mais delicadas de entoação – por exemplo, Cagliari (1981, p. 176) considera que exclamações podem ser “neutras” (movimentoônico descendente médio-baixo), podem pedir “confirmação, reconsideração” (ascendente baixo-alto), ou podem sinalizar “entusiasmo, reforço, surpresa” (ascendente-descendente meio-alto, alto, meio-baixo).

Se quiséssemos ser “elegantes” a qualquer custo em nossa descrição, poderíamos considerar que o movimentoônico “neutro” (número 1: descendente), que caracteriza as declarativas “comuns”, seria característico também das exclamativas, o que serviria de argumento em favor de reunir sob uma só categoria as declarativas não exclamativas e as exclamativas. Entretanto, parece-nos que isso significaria ignorar detalhes fonológicos que, em uma perspectiva propriamente trinocular, não podem ser negligenciados.

Em síntese, ainda não estamos em uma posição adequada para uma caracterização sistêmico-funcional plena da realização fonológica de estruturas exclamativas em PB: são necessários mais estudos (preferencialmente quantitativos) sobre a entoação de tais estruturas que tomem como ponto de partida a perspectiva trinocular e, assim, considerem a entoação em sua relação com sistemas em outros estratos – crucialmente, o sistema léxico-gramatical de MODO.

“De baixo”: grupos

Como indicamos no início do artigo, o padrão geral para os grupos que compõem as estruturas exclamativas focalizadas por este artigo é o seguinte:

qu- ^ elemento exclamado

O “elemento exclamado” pode, entretanto, ter várias configurações: pode haver uma oração completa, como em “como ele é legal!”, em que se explicitam o alvo (“ele”) e a avaliação (“legal”); ou o elemento pode ser mais sintético, com explicitação somente do alvo (“que filme!”, “que homem!”), realizado por um grupo nominal; somente da avaliação

("que incrível!", "que maravilha!"), realizada por um grupo adjetival; ou do alvo e da avaliação ("que filme incrível"), realizada por grupo nominal mais elaborado – discutiremos a problemática de considerar essas estruturas orações maiores elípticas (em que o Predicador está implícito) ou orações menores (isto é, sem Predicador) ao fim do artigo.

O elemento *qu-*, por sua vez, tem três opções principais: *que*, *quanto* e *como*, cada uma com implicações para escolhas em outras metafunções – ver a seguir.

“Ao redor”: outras opções oracionais

A primeira correlação que encontramos a partir da escolha de uma oração exclamativa se dá em termos da *ordem* das funções que caracterizam o modo oracional e, portanto, do sistema de TEMA, parte da metafunção textual. Diferentes elementos *qu-* inicial selecionarão distintas ordenações. Orações exclamativas com “que” favorecem a seguinte ordem:

qu- ^ Complemento ^ Sujeito ^ Finito/Predicador

Por exemplo, em “que rápido ele é!”, temos:

<i>que</i>	<i>rápido</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>
(qu-)	Complemento	Sujeito	Finito/Predicador

Porém, quando o elemento *qu-* é “como” ou “quanto”, a ordem favorecida é a “direta”, isto é, a ordem não marcada para orações declarativas:

qu- ^ Sujeito ^ Finito/Predicador ^ Complemento

Assim, em “como ele é legal” e “quanta gente veio”, encontramos:

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>	<i>legal</i>
<i>quanta</i>	<i>gente</i>	<i>veio</i>	
(qu-)	Sujeito	Finito/Predicador	Complemento

Isso indica que um dos fatores que motivam a escolha entre os três elementos *qu-* possíveis é textual: prefere-se tematizar o Complemento (com *que*) ou o Sujeito (com *como* ou *quanto*). Essa oposição se dá especialmente entre *que* e *como*, visto que ambos podem ser utilizados com orações experiencialmente equivalentes, como em “Que legal ele é!” e “Como ele é legal!”.

Outra correlação se dá entre o modo exclamativo e a polaridade da oração – trata-se, portanto, de relações internas à metafunção interpessoal. Como em inglês, é aparentemente impossível (ou pelo menos muito improvável) operar uma negação em uma oração exclamativa em PB:

7. ??? *Como ele não é rápido!*

8. ??? *Que legal ele não é!*

Além disso, orações exclamativas iniciadas por *que* e *como* parecem favorecer processos atributivos, dada a sua tendência avaliativa, o que evidencia correlações com o sistema de TRANSITIVIDADE:¹⁰

como	ele	é	rápido
	Portador	Processo	Atributo
que	legal	ele	é
	Atributo	Portador	Processo

Em orações iniciadas com “como”, entretanto, é comum encontrar outros processos. Nesses casos, a avaliação pode ser explicitada em um Adjunto/Circunstância; nos casos de ausência de Adjunto, a avaliação é inferível por conta da própria estrutura exclamativa:

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>corre</i>	<i>(rápido)</i>
<i>como</i>	<i>ela</i>	<i>dança</i>	<i>(bem)</i>
	Ator	Processo	Circunstância

Em relação às orações iniciadas com “quanto”, não identificamos, preliminarmente, preferências por determinados processos. Como tais estruturas se centram basicamente na avaliação da quantidade ou intensidade do elemento nominal (p. ex. “quanta gente!” ou “quanta força!”), hipotetizamos que tais estruturas se abrem com relativa facilidade aos vários processos – por exemplo, “quanta gente veio!” (material), “quanta gente disse que

10 A TRANSITIVIDADE é o principal sistema oracional da metafunção experiencial, tratando dos diferentes papéis ocupados por participantes de uma oração segundo o processo realizado por grupos verbais. Por exemplo, em processos relacionais atributivos, em que uma entidade pertence a uma classe, os participantes são Portador e Atributo, enquanto nos materiais, em que há um “fazer” físico, há tipicamente um Ator e uma Meta.

vai vir!" (verbal), "quanta gente gostou!" (mental), "quanta gente está aqui!" (relacional), "quanta gente existe!" (existencial) e "quanta gente chora!" (comportamental).

Síntese: um sistema reconfigurado

Com base nessas considerações trinoculares, chegamos à conclusão de que, em PB, os elementos semânticos definidores das estruturas exclamativas focalizadas por este artigo – ou seja, aquelas introduzidas por elementos *qu-* – são os seguintes:

1. no sistema de FUNÇÕES DA FALA, a construção do ato de fornecer informações (declaração), em particular em reação a informações novas, podendo realizar o movimento K2f no sistema de NEGOCIAÇÃO;
2. no sistema de AVALIATIVIDADE, a veiculação de significados atitudinais e de contraexpectativa.

Já em termos léxico-gramaticais, verificamos que a estrutura interna da sequência *qu-* ⁴ *elemento exclamado* pode ser especificada principalmente por razões textuais e/ou experienciais.

Não basta, entretanto, especificar que essas estruturas são iniciadas por um elemento *qu-*, mesmo porque nem todas as palavras *qu-* podem tomar essa posição em estruturas exclamativas. É necessário tratar esse elemento como uma função – isto é, como um termo na mesma ordem de abstração que Sujeito, Predicador, Finito, Complemento e Adjunto. Sendo assim, em consonância com Figueredo (2021), que propõe que o elemento *qu-*, em interrogativas elementais, realiza a função de Interrogador (*Inquirer*), propomos que o elemento *qu-*, em orações exclamativas, realiza a função de **Exclamador**. Cabe ressaltar que a diferença, no entanto, não se encerra nesse ponto: diferentemente do Interrogador, o Exclamador não exerce função experiencial na oração.¹¹ Assim, em termos textuais, será sempre Tema interpessoal.

Assim, a realização das orações exclamativas é definida pela presença de um Exclamador (+Exclamador) que sempre ocorre no início da oração (#^Exclamador). Exemplos de análise:

¹¹ Ao perguntarmos "Quem mexeu no meu queijo?", por exemplo, o Interrogador *quem* exerce papel de Ator do processo material "mexeu". O elemento *qu-* do Exclamador não exibe essa propriedade.

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>	<i>rápido!</i>
Exclamador	Sujeito	Predicador/Finito	Complemento
–	Portador	Processo relacional	Atributo
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema	

<i>que</i>	<i>legal</i>	<i>ele</i>	<i>é!</i>
Exclamador	Complemento	Sujeito	Predicador/Finito
–	Atributo	Portador	Processo relacional
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema	

<i>quanta</i>	<i>gente</i>	<i>veio!</i>
Exclamador	Sujeito	Predicador/Finito
–	Ator	Processo material
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema

Essas orações exclamativas serão consideradas, como em tantas outras línguas, um subtipo das orações declarativas, especialmente por considerações de “cima”: da mesma forma que as declarativas “comuns” (ou “afirmativas”), orações exclamativas realizam congruentemente fornecimentos de informação – isto é, declarações. Além disso, não nos parece impossível (ainda que não tenhamos encontrado exemplos concretos) que as orações exclamativas, de modo análogo às declarativas “comuns”, possam ter acesso ao sistema de PERGUNTA-FINITO, o que legitimaria enunciados como “Que legal ele é, não é?” e “Como ele corre, não corre?”. Presumimos que a raridade dessas construções se deva à relativa incompatibilidade entre a contração dialógica realizada pela estrutura das exclamativas e a abertura dialógica sugerida pelas Perguntas-Finito, mas ainda consideramos que tais estruturas possam, sim, ser combinadas em algumas circunstâncias.

Isso posto, expomos, na Figura 3, o sistema de MODO reconfigurado (a partir da opção [indicativo]) para dar conta das orações exclamativas:

Figura 3. O sistema de MODO reconfigurado a partir de [indicativo]



Fonte: Elaboração própria

As alterações no sistema são as seguintes:

- Em primeiro lugar, deixa de haver uma distinção “de baixo” entre [declarativo] e [interrogativo], visto que não podemos, no novo sistema, generalizar o movimento tônico 1 para todas as declarativas – como indicamos anteriormente, não parece haver um movimento tônico único que caracterize as exclamativas, embora o movimento 1 possa ocorrer. Assim, a distinção entre declarativo e interrogativo passa a ser primariamente “de cima” – declarativas realizam congruentemente declarações; interrogativas, perguntas – e “ao redor”, já que, entre outros elementos, interrogativas não acessam o sistema de PERGUNTA-FINITO. Como nossa base teórico-metodológica é a LSF, que enfatiza a relação natural entre semântica (“de cima”) e léxico-gramática, não nos parece que a ausência de uma distinção “de baixo” seja uma “falha” na descrição do sistema. De toda forma, estudos sistemáticos envolvendo a realização dessas distintas opções do [indicativo] poderiam refutar ou corroborar nossa hipótese.
- Em segundo lugar, e de mais importância, no novo sistema, a opção [declarativo] passa a dar acesso a dois sistemas simultâneos: PERGUNTA-FINITO, que já fazia parte da proposta original de Figueredo (2011, 2021), e TIPO DE DECLARATIVO, que opõe o modo [afirmativo] (o declarativo “comum”) ao [exclamativo], caracterizado pela presença de um Exclamador em posição inicial. A opção [exclamativo], por sua vez, dá acesso a um sistema que especifica a palavra que realiza o Exclamador: *que*, *quanto* ou *como*.

Orações maiores elípticas ou orações menores?

Ao longo deste artigo, tratamos alguns exemplos como “estruturas exclamativas”, e não como “orações exclamativas”, como se poderia esperar. Essa indefinição reflete o fato

de que, para alguns enunciados, não é óbvia a ocorrência, de fato, de uma oração maior – isto é, de uma oração com Predicador, condição de entrada para o sistema de MODO. Trata-se de enunciados como “que legal!”, “que filme incrível!”, “que mulher!”, “que rápido!”, “quanta gente!” e “quantos presentes!”, em que o Exclamador é seguido somente de um grupo nominal.

Parece-nos que há duas alternativas para a descrição dessas estruturas: 1. trata-se de orações maiores cujo Predicador é elíptico; 2. trata-se de orações menores, isto é, sem Predicador, mas com estrutura exclamativa.¹² Apresentaremos a seguir argumentos em favor de ambas as posições para avaliar sua adequação descritiva e sua consistência com os princípios sistêmico-funcionais.

A primeira resposta, que interpreta essas estruturas como orações maiores com Predicador elíptico, prioriza os critérios “de cima” – ou seja, semânticos – na classificação do enunciado. Em outras palavras, ao menos em termos interpessoais, uma estrutura como “que legal!” teria os mesmos alinhamentos semânticos que uma estrutura mais “completa”, como “que legal ele é!”: realiza-se um tipo específico de declaração, uma atitude e um movimento de contraexpectativa. A elipse de elementos como o Sujeito e, crucialmente, o Predicador seria explicada, por sua vez, em termos textuais: o que ocorre é que, como indicamos anteriormente, estruturas exclamativas são tipicamente “reativas”, dependendo de um estímulo inicial para emergirem; como, na reação, o elemento a que se está reagindo já foi explicitado anteriormente ou está contextualmente acessível, não é necessário inscrever verbalmente esse elemento (o Sujeito) e, em alguns casos, a sua relação com a avaliação (o Predicador). Note-se, como indicamos anteriormente, que a referência das exclamativas parece ser sempre determinada (? “Que um menino!”) justamente porque é previamente explicitada ou está contextualmente acessível. Dessa forma, “que legal!” e “que rápido!” seriam, sim, orações maiores; porém, por razões textuais – e, portanto, externas ao sistema de MODO –, essas orações teriam Predicador elíptico.

Em “que legal!”, por exemplo, a oração pode estar reagindo a uma declaração como “passei na faculdade!” (as versões não elípticas poderiam ser, dentre outras, “que legal é você ter passado na faculdade!” ou “que legal é saber isso!”); em “que rápido!”, o objeto a que se reage pode ser não verbal, como um vídeo de um carro de corrida acessível ao falante (a versão não elíptica seria, portanto, algo como “que rápido esse carro é!”).

A outra interpretação vai na direção contrária: embora se possa conceder que há evidentes semelhanças funcionais entre “que legal!” e “que legal ele é!”, as diferenças “de baixo” – mais especificamente, dos grupos que realizam essas estruturas – seriam

¹² Note-se que, em orações exclamativas com *como* como Exclamador, a avaliação recai necessariamente sobre a proposição como um todo e, crucialmente, sobre o Predicador (“como corre!”, etc.), de modo que não há versões “menores” ou “elípticas” para essas estruturas.

salientes o bastante para não as agrupar em uma só categoria. O argumento básico é, evidentemente, o de que estruturas sem Predicador simplesmente não são orações maiores. Há, entretanto, alguns elementos que indicam, além disso, que as estruturas em questão têm um funcionamento que as aproxima não de orações, mas de grupos nominais. Isso é relativamente claro em estruturas como “quanta gente!” e “quantos presentes!”, em que o elemento *qu-* funcionando como Exclamador concorda em número e gênero com o elemento exclamado, de modo análogo a um quantificador concordando com o núcleo nominal (“muita gente”, “muitos presentes”).

Porém, até mesmo o elemento *que* pode, em algumas variedades do PB, ter um comportamento semelhante, como relatado por Nunes (2007). Pereira (2016) dá o seguinte exemplo (construído): “Ques paisagem bonita!”, em que, embora a marca do plural só ocorra no Exclamador *ques*, “paisagem bonita” também estaria (semanticamente) no plural. Esses elementos indicam que estruturas exclamativas sem Predicador seriam, de fato, grupos nominais com um Exclamador confluindo com um Numerativo quantificativo – ver Figueredo (2007) para a estrutura dos grupos nominais em PB. Ainda nessa direção, não parece ser possível formar estruturas exclamativas com Exclamador seguido de (outro) quantificador: “*Que dois filmes!”.

Enfim, um último argumento em favor das estruturas como orações menores está no fato de que a ocorrência efetiva de algumas orações “reconstruídas” a partir de exclamativas “elípticas”, como “que legal é você ter passado na faculdade!” (de “que legal!”), parece pouquíssimo provável.

Assim, não é impossível considerar que estruturas como “que legal!”, “quanta gente!” e “que filme!” sejam orações menores com função exclamativa (o que as alinha, semanticamente, com as orações exclamativas maiores) e realizadas por um grupo nominal composto por um Exclamador/Numerativo (*que* ou *quanto*) seguido de um núcleo nominal com o qual pode concordar ou não. Em retrospectiva, essa posição não deve surpreender: uma das funções mais mencionadas em exemplificações de orações menores é justamente a de exclamação – ver, por exemplo, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 140).

Apesar disso, cremos ser necessário dedicar mais tempo e espaço – considerando, inclusive, discussões mais específicas sobre o caráter discreto ou contínuo da oposição entre oração maior e menor – para alcançar algum grau de “fechamento” acerca do estatuto das exclamativas sem Predicador: como indicamos, há argumentos em favor de ambas as perspectivas – o que reflete, talvez, a inescapável indeterminação a que as categorias linguísticas estão submetidas.

Uma possibilidade cuja exploração nos parece particularmente produtiva seria adotar uma perspectiva topológica (Martin; Matthiessen, 1991), descrevendo um *continuum* entre estruturas claramente maiores, como aquelas iniciadas por *como* (que não permitem

“versões” sem Predicador), passando por aquelas em que a elipse, dada a acessibilidade contextual ou cotextual, é plenamente viável, como em alguns casos iniciados por *que* e *quanto* (“que lindo ele [é]!”, “quanta gente [veio]!”), até os casos em que os falantes parecem fortalecer a suficiência do grupo nominal, com confluência de Exclamador com Numerativo, realizando orações menores (“ques paisagem bonita!” ou “ques carro rápido!”).

Considerações finais: implicações e próximos passos

Neste artigo, propusemos uma reconfiguração do sistema de MODO do português brasileiro, partindo da proposta original de Figueredo (2011, 2021), para dar conta da descrição de orações exclamativas. Após uma revisão das formas pelas quais orações semelhantes foram descritas em outras línguas com base na LSF e das propriedades trinoculares de tais orações em PB, propusemos que o modo exclamativo é um subtipo de declarativo caracterizado pela presença de um Exclamador em posição temática. Além disso, discutimos o estatuto de estruturas semelhantes, mas sem Predicador, enquanto orações exclamativas maiores ou menores.

Ainda há, entretanto, vários caminhos possíveis para aprofundar e aprimorar essa descrição. Um passo importante é descrever as contribuições fonológicas ao modo exclamativo: para os outros modos, distinções em termos de movimentos tônicos são altamente relevantes; para o exclamativo, o quadro não deve ser diferente. Outra possibilidade de pesquisa é investigar se outros elementos *qu-*, para além dos abordados neste artigo (*que*, *quanto* e *como*) podem funcionar como Exclamador – e, se a resposta for positiva, descrever as potenciais peculiaridades de cada um. As próprias potencialidades de *que*, *quanto* e *como* podem ser adensadas em pesquisas mais específicas.

Por fim, devemos reconhecer que este artigo é fundamentado em análises qualitativas de um *corpus* de extensão mínima. Para um alinhamento mais adequado aos princípios teórico-metodológicos da LSF, são necessárias investigações quantitativas – como as vistas, por exemplo, nos trabalhos de Figueredo (2011, 2015). Essas pesquisas permitem a construção de perfis registrais oportunos para diversas aplicações (ensino de língua e tradução, por exemplo), além de permitirem estudos sobre correlações entre línguas diferentes (correlações e peculiaridades tipológicas, etc.) e associações sistêmicas inter- e intrametafuncionais, como as sugeridas em nossa descrição (exclamativo-atributivo, etc.).

Agradecimentos

Esta publicação é resultante dos projetos “Os textos e os contextos de grupos de Facebook em uma perspectiva sociossemiótica” e “Para um novo modelo sistêmico-funcional das

relações interactanciais”, financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processos 2021/03332-0 e 2022/10527-5).

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CAFFAREL, A. *A Systemic Functional Grammar of French: From Grammar to Discourse*. London/New York: Continuum, 2006.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. 1981. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A semântica das perguntas em português brasileiro: uma proposta sistêmico-funcional. *Revista do GEL*, v. 18, n. 2, p. 35-65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v18i2.3117>.

FIGUEREDO, G. P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FIGUEREDO, G. P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FIGUEREDO, G. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das partículas modais. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 59, p. 281-308, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1504-3>

FIGUEREDO, G. Interpersonal Grammar in Brazilian Portuguese. In: MARTIN, J. R.; QUIROZ, B.; FIGUEREDO, G. (ed.). *Interpersonal Grammar: Systemic Functional Linguistic Theory and Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 191-226.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: The social interpretation of language and meaning*. London: Hodder Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *On Language and Linguistics*: Volume 3 in the Collected Works of M. A. K. Halliday. London/New York: Continuum, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (ed.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum International, 2009. p. 59-86.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York/London: Routledge, 2014.

LAVID, J.; ARÚS, J.; ZAMORANO-MANSILLA, J. R. *Systemic Functional Grammar of Spanish: A Contrastive Study with English*. London/New York: Continuum, 2010.

MARTIN, J. R. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Metafunctional profile of the grammar of Tagalog. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (ed.). *Language Typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic typology and topology. In: CHRISTIE, F. (org.). *Literacy in social processes: papers from the Inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference*. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, 1991. p. 345-383.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: Meaning beyond the clause*. 2. ed. Continuum: London, 2007.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Frequency profiles of some basic grammatical systems: an interim report. In: THOMPSON, G.; HUNSTON, S. (ed.). *System and Corpus: exploring connections*. London: Equinox, 2004. p. 103-142.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London/New York: Continuum, 2010.

MWINLAARU, I. N.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; AKEREJOLA, E. S. A system-based typology of MOOD in Niger-Congo languages. In: AGWUELE, A.; BODOMO, A. (org.). *The Routledge Handbook of African Linguistics*. Oxon: Routledge, 2018. p. 93-117. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315392981-6>

NUNES, J. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 25-34.

NUYTS, J. Evidentiality reconsidered. In: MARÍN ARRESE, J. I.; HASSLER, G.; CARRETERO, M. (org.). *Evidentiality revisited*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 57-83. DOI: <https://benjamins.com/catalog/pbns.271.03nuy>

PEREIRA, B. K. Exclamatives and interrogatives with 'ques': the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-612, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v28i2.41228>

QUIROZ, B. *The Interpersonal and Experiential Grammar of Chilean Spanish: Towards a Principled Systemic-Functional Description Based on Axial Argumentation*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Sydney, Sydney, 2013.

SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. *Gragoatá*, v. 21, n. 40, p. 113-132, 2016. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33377>

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. New York/London: Routledge, 2014.

WIN, L. Y.; GENG, F. The MOOD system of Myanmar. *Journal of World Languages*, v. 9, n. 2, p. 182-206, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1515/jwl-2022-0013>

ZENDRON DA CUNHA, K. O comportamento entoacional das exclamativas-wh e das interrogativas-wh no português brasileiro. *Domínios de Linguagem*, v. 9, n. 5, p. 163-192, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-9>

ZENDRON DA CUNHA, K.; SEARA, I. C. O padrão entoacional das exclamativas-WH em português brasileiro. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 18, n. 2, p. 211-229, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24961>. Acesso em: 26 jun. 2024.